

VERA LÚCIA
MARINZECK
DE CARVALHO

MEU PÉ
de
JABUTICABA

pelo espírito
ANTONIO CARLOS

))(Academia

Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.

Copyright © Vera Lúcia Marinzeck de Carvalho, 2019

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2019

Todos os direitos reservados.

Autoria: Antonio Carlos

Psicografia: Vera Lúcia Marinzeck de Carvalho

Preparação: Marcelo Rodrigues

Revisão: Érica Alvim, Olívia Tavares e Laura Vecchioli

Diagramação: Abreu's System

Capa: Rafael Brum

Imagens de capa: mythja/Shutterstock e Paulo Vilela/Shutterstock

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Carlos, Antonio (Espírito)

Meu pé de jabuticaba / psicografado pela médium Vera Lúcia Marinzeck de Carvalho. – São Paulo: Planeta, 2019.

224 p.

ISBN 978-85-422-1597-7

I. Romance espírita. 2. Obras psicografadas. I. Marinzeck, Vera Lúcia.

II. Título.

19-0595

CDD 133.93

2019

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.

Bela Cintra, 986 – 4º andar – Consolação

01415-002 – São Paulo-SP

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

O encontro

Júlio desceu rápido as escadas do hall do hotel onde, desde a noite anterior, estava hospedado. Chegara às vinte horas de carro, viajara por seis horas. Cansado, dormiu por oito horas até que um funcionário o acordou.

Com a notícia de que era aguardado, foi direto ao encontro do irmão e de sua prima, que o esperavam no salão onde o desjejum era servido.

Abraçaram-se.

— Torci o pé — queixou-se Alice. — Que lugar! — abaixou o tom de voz. — Que cidadezinha feia! O bom é que estamos nos vendo e estamos bem. Como está, Júlio? Pelo jeito, dormiu muito. Eu, pelo contrário, dormi pouco, senti medo. Há tempos não durmo sozinha e sem as crianças.

Júlio observou a prima, filha de sua tia Angelina, irmã de sua mãe. Alice não era parecida com a mãe nem com o pai, não parecia com ninguém da família.

“Melhor para ela”, pensou Júlio. “Alice é bonita. Casada, tem três filhos.”

— Cheguei ontem pela manhã — contou o irmão Michel — fiz uma boa viagem, vim de carro. Passei em frente à casa do tio Hermes. Não entrei, mas me pareceu, como sempre, que o jardim está limpo e repleto de plantas estranhas, sem nenhum paisagismo. O portão estava trancado.

— Não conheço a casa e nem quero conhecer — afirmou Alice. — Quero mesmo é que acabe logo. Se possível, quero voltar hoje ainda para casa.

— Como veio, Alice? — Júlio quis saber.

— De avião até a cidade maior, a cem quilômetros daqui; depois, peguei um táxi e o motorista está me esperando para me levar de volta.

— Deve ter ficado caro — observou Michel.

— Não para mim. Graças a Deus, não tenho problemas financeiros. Sou filha única de minha mãe, tenho dois irmãos, filhos do meu pai. Papai me deixou um bom dinheiro, herdei alguns bens de mamãe. O que vou receber do tio Hermes não é muito, mas é mais do que gastarei nessa viagem. Depois, como meu marido me aconselhou, não devia empatar vocês dois, por isso vim para retornar logo. Espero que esse advogado tenha, realmente, resolvido tudo.

— Agradeço a sua atenção. De fato, para resolvermos e recebermos essa herança, nós três precisávamos estar aqui. Tia Angelina nunca trouxe você aqui? — perguntou Michel.

— Mamãe — respondeu Alice — dizia não gostar daqui nem do tio Hermes. Gostava de sua mãe, a tia Celeida. Por ela ter me contado sobre fatos daqui, sobre ela criança e jovem, eu tinha ideia de como era essa cidade, sem encanto nenhum.

— Você é feliz? — perguntou Michel.

— Como? — Alice estranhou a indagação, que fugia do assunto a ser tratado, pensou por uns instantes e respondeu: — Sim, sou. Meu casamento deu certo, vivemos bem, meu marido é bom e trabalhador, tenho três filhos lindos e saudáveis. Sim, posso dizer que sou uma pessoa com poucos problemas. Por que pergunta?

— Vemo-nos tão pouco. Você mora longe. Por isso perguntei. Quero mesmo que seja feliz — Michel sorriu.

— Ah, obrigada. Também os quero felizes. Júlio, você tem certeza mesmo de que quer ficar com a casa? Está comprando com tudo que tem nela.

— Lá não tem nada de valor! — Júlio suspirou.

— Tenho certeza de que não. O que quis dizer é em relação à energia do lugar e, como escutei, sobre os fantasmas.

Riram. Júlio olhou para a prima e falou:

— Você nunca veio aqui antes, não conhece a casa, sabe do lugar pelo que escutou de tia Angelina. Afirmo a você que lá não tem fantasmas. Michel e eu conhecemos a casa, a cidade, viemos muitas vezes à fazenda. Mamãe nos trazia para visitar vovó Justina, mas éramos pequenos e eu, sendo o mais velho, pouco me lembro dela. Vovó morreu e continuamos vindo para cá, mas de vez em quando. Morei por uns tempos com o tio Hermes.

— Foi quando mamãe ficou viúva — Michel completou a informação.

— Quando papai morreu — contou Júlio —, vínhamos mais aqui, morávamos mais perto. Mamãe namorou um senhor e, como ia se mudar com ele para uma cidade longe, me deixou aqui com o tio Hermes e levou Michel, que era mais novo.

— Você sentiu por isso? — perguntou Alice.

— Não — respondeu Júlio. — Gostei de ficar aqui.

— E aí, o que aconteceu? — Alice quis saber.

— Mamãe — falou Júlio — não se casou, separou-se desse namorado, porém arrumou nessa cidade, onde até hoje moramos, um bom emprego. Veio me buscar e não voltamos mais aqui.

— Isso porque — Michel completou a informação — tio Hermes cobrou da mamãe a estadia do meu irmão. Os dois brigaram, nossa mãe prometeu não voltar mais à fazenda e cumpriu o prometido. Também, o titio nunca mais nos convidou. Que homem estranho!

— Afinal, tia Celeida pagou ou não? — Alice ficou curiosa.

— Não, não pagou — respondeu Júlio.

Percebendo que o primo queria mudar de assunto, Alice quis saber a opinião dos dois.

— O advogado arrumou tudo rápido, não acham?

— Tio Hermes — explicou Júlio — fez um testamento, deixou tudo acertado, dividiu o que possuía em três partes. As terras ao norte estavam, havia anos, arrendadas, e o arrendatário quis comprá-las; isso também se deu com as terras do lado leste. Foi fácil. Viemos para vendê-las e eu ficarei com a casa e as terras ao sul da fazenda.

— Desculpe-me, primo — Alice opinou —, penso que não fez bom negócio. Teve de nos pagar. Além de não receber nada pelas vendas das terras que estamos vendendo, precisou completar para ficar com a casa.

— Fiz os depósitos para vocês. Viram? Checaram? — perguntou Júlio.

— Sim, vi — respondeu Alice. — Tudo está certo. Espero que tenha feito bom negócio. Esse advogado deve ter levado vantagens.

— Fez o trabalho dele — comentou Michel. — Tio Hermes deve ter lhe pagado para fazer isso.

— Titio fez esse testamento há dez anos — informou Júlio.

— Tio Hermes morreu com oitenta e quatro anos — comentou Alice. — Foi precavido, mas o que esse advogado ganhou agora com esse trabalho?

— Ele me afirmou que ganhou comissão sobre as vendas — respondeu Júlio.

— Se um de nós — comentou Alice — tivesse tempo e fizesse esse trabalho, receberíamos mais. Tudo bem! Não contava com essa herança, nem imaginava que tio Hermes me deixaria alguma coisa. Veja que interessante: mamãe falava que, quando o pai dela, nosso avô, morreu, tio Hermes ficou com metade da fazenda e a outra parte era da vovó Justina. Minha mãe e a de vocês receberam pouca coisa. Quando vovó desapareceu e foi dada como morta, não deixou nada, porque ela tinha vendido a parte dela da fazenda, e tio Hermes afirmou que a comprou depois, e que vovó gastou o dinheiro com o amante dela. As duas irmãs

não receberam nada. Titio morreu sem filhos e nós recebemos o que lhe pertenceu. De que adiantou ele, naquela época, ficar com tudo? Suas irmãs foram lesadas, e tudo acabou, no final, ficando para nós, os herdeiros delas.

— Isso é interessante! — comentou Michel. — Ele lesou as irmãs, e nós, herdeiros delas, recebemos. O importante é que esse fato não nos deu trabalho ou preocupações, o advogado fez tudo por nós.

— Será que é o mesmo que fez o testamento? — Alice quis saber.

— Não, ele me contou que foi o pai dele quem o fez; um velho advogado que foi amigo do titio, morreu também — contou Júlio.

— Pelo jeito, você tem conversado com esse advogado. Conhece-o? — perguntou Alice.

— Não o conheço pessoalmente, conversei com ele somente o necessário por telefone e nos correspondemos — respondeu Júlio.

Tomaram o desjejum, Alice reclamou do que fora servido. Acabaram.

— Ainda faltam dez minutos para o encontro com o advogado — comentou Alice. — Esperamos aqui ou vamos para o hall da entrada?

Os dois não responderam porque um empregado do hotel foi avisá-los que o advogado estava esperando por eles numa sala reservada.

O funcionário do hotel os acompanhou até o hall e, lá, mostrou uma porta à direita. Júlio abriu a porta, entraram e se depararam com um jovem; o advogado não devia ter mais de trinta anos. Cumprimentaram-se, sentaram-se, e ele, falando com voz firme e sem delongas, explicou:

— O senhor Hermes há dez anos fez seu testamento, tudo de acordo com a lei. Deixou o que possuía para vocês três, seus sobrinhos, e em partes iguais. Os senhores concordaram em

vender partes da fazenda e dividir o dinheiro. O senhor Hermes, ao falecer, não tinha dinheiro e a divisão foi somente das terras. Um herdeiro, o senhor Júlio, quis ficar com a parte sul e a casa. Tendo se entendido com os outros e estando tudo acertado, viemos passar as escrituras. Alguma pergunta?

— Irá demorar? — indagou Alice.

— Não, tudo está pronto. Podemos ir? — perguntou o advogado.

Saíram do hotel, caminharam por uma quadra e chegaram ao cartório. Três pessoas os aguardavam. Foram apresentados.

— Esse casal está comprando a parte norte, e esse senhor, as terras ao leste.

Foi realmente rápido. Assinaram, Michel e Alice receberam os cheques.

— Pronto! Acabou! Tudo certo! — exclamou o advogado.

Agradeceram, despediram-se e os três herdeiros saíram do cartório.

— Vou embora — decidiu Alice. — Vou procurar o motorista, que deve estar no hotel. Que bom que terminou! Você fica, Michel?

— Vou almoçar com meu irmão e depois irei embora.

Chegando ao hotel, Alice despediu-se dos primos. Abraçaram-se. Os três sabiam que dificilmente se encontrariam de novo. Eram parentes, mas não amigos e, além de residirem longe, nada os unia.

— Vamos sentar no banco da praça? — convidou Michel. — Poderemos conversar um pouco. Almoçaremos e depois parto para chegar à noite. Amanhã trabalho.

Caminharam para a praça e viram Alice ir embora. Acenaram.

— Sinto falta de estar mais com você. Embora morando na mesma cidade, encontramos pouco — Júlio expressou em tom de reclamação.

— A cidade em que moramos é grande, trabalhamos em locais diferentes. Como arrumou dinheiro para nos pagar?

— Na firma em que trabalhava fizeram uma campanha para demissão voluntária. Pedi e fui demitido.

— O quê?! Júlio, você enlouqueceu?! — Michel indignou-se. — Tudo isso para ficar com aquele pedaço de terra e com a casa? Por quê? Se precisasse de dinheiro, poderia me pagar depois.

— Você sabe que não estava contente no emprego, já tinha me queixado a você. Aproveitei. Penso que, se não pedisse, não seria dispensado; meu chefe até tentou me fazer mudar de ideia.

— Rafaela sabe? — Michel ainda estava surpreso.

— Não, ainda não disse a ela, falei que tirei férias.

— Você pretende ficar aqui? Morar naquela casa? — Michel quis saber.

— Não sei, realmente não sei. Penso que não me adaptaria a morar num local tão pequeno. Depois, não tenho dinheiro para tocar o que restou da fazenda, que, pelo que fui informado, não estava arrendado e ficou abandonado. Vou agir com calma, pensar bem no que farei. Agora me fale de você, parece triste. Problemas no emprego?

— Não, tudo certo no meu emprego. Júlio, vou, com o dinheiro que recebi, comprar outro apartamento, já escolhi; quando voltar, fecho a compra. Alugarei o apartamento em que moro.

— Irá levar os móveis que eram da mamãe? — indagou Júlio.

— Somente alguns. Aproveito para lhe perguntar se quer algum deles.

— Não me interessa, faça o que quiser com eles.

— O apartamento onde moro era de mamãe, moramos por anos ali — Michel suspirou. — Todos os vizinhos são conhecidos e, infelizmente, fofoqueiros. Ali, sinto-me discriminado. Onde irei morar é mais moderno, com pessoas mais novas. Penso que será melhor, estarei bem-acomodado.

— Você não disse o que o aflige.

— É Paul.

Júlio se lembrou de Paul, era como o jovem namorado do irmão era chamado, diminutivo de Paulier ou algo parecido, ele sempre se esquecia do nome do rapaz, porque não era comum.

— O que tem ele? — perguntou Júlio.

— Você já me alertou que Paul é vagabundo, vivia às minhas custas e continua, penso que pior. Tenho me lembrado que você diz que mereço uma pessoa melhor.

Desde pequeno Michel agia diferente. Júlio chegou a pensar que, por ele sempre viver com a mãe e ser muito apegado a ela, Michel tinha um jeitinho mais feminino. Defendia o irmão quando, na escola, alguém zombava dele. Uma vez brigou com três garotos e levou uma surra, mas bateu também.

“Preferia”, pensou Júlio, “que Michel fosse como eu. Na adolescência, quis muito isso. Adulto, entendi que não queria que ele fosse homossexual para não sofrer. Amo-o e quero que seja feliz”.

— Michel — Júlio pronunciou as palavras devagar —, relacionamentos dão certo ou não. Veja meu caso: tive muitas namoradas até que surgiu Carolina, e moramos juntos por dois anos e oito meses. Não deu certo. Todos gostavam dela, até eu, mas, após algum tempo juntos, percebi que não era ela que me completava, ou melhor, que não a amava. Hesitei em me separar, mas compreendi que não era bom para mim nem para ela continuarmos juntos. Terminamos. Não foi fácil a separação. Sofremos. Porém, sentia que, se continuasse acompanhado, não iria arrumar outro relacionamento. Sentia que, havia tempos, aguardava alguém especial. Após cinco meses sozinho, conheci Rafaela. Era a pessoa que esperava. Amo-a. Aconselho, meu irmão, a não ter receio da separação. Seu relacionamento é como outro qualquer. Fique sozinho, assim terá chance de encontrar outra pessoa. Talvez o grande amor da sua vida.

— Como Paul — Michel sorriu — não faz nada, ele foi comigo para a cidade onde, por vinte dias, estaria trabalhando; faz doze que estou lá. Enquanto trabalho, ele passeia. Quando

recebi seu recado, resolvi vir para cá um dia antes, meu chefe permitiu, já que tenho muitas extras no banco de horas. Fui à tarde avisar Paul e o encontrei com um bando de jovens, rindo e bebendo. Aproximei-me e ele me apresentou: “Tio! É meu tio!”. Chamei-o à parte para lhe dar o recado. Afastei-me, porém voltei, eles estavam rindo de mim. Paul abraçava uma moça. Fui embora. Júlio, você tem razão, devo terminar com ele. Expulsá-lo da minha vida.

— Como irá fazer? — perguntou Júlio.

— Vou terminar com ele, pagar o hotel e pedir para ele ir embora. Vou ordenar que tire seus pertences do meu apartamento. Não quero vê-lo mais.

— É o melhor, Michel.

— Meu chefe tem se insinuado. Ele é uma boa pessoa. Vou perguntar se está sozinho. Penso que sim.

— Não se envolva rápido com ninguém — aconselhou o irmão. — Cautela! Escolha bem! Você merece o melhor! Por que veio ontem?

— Queria ficar sozinho por algumas horas. Nada melhor para ficar só do que um lugar onde não se conhece ninguém e não somos conhecidos. Comprei flores, não foi fácil achá-las para levar ao cemitério. Penso que devia algo ao tio Hermes. O túmulo estava abandonado. Encontrei um homem trabalhando lá e pedi para ele limpar o túmulo onde nosso avô e tio estão enterrados. Paguei-o, voltei duas horas depois com o buquê e encontrei a laje limpa e polida, enfeitei-a com flores.

— O que sentiu indo lá? — Júlio se interessou em saber.

— Nada. O que deveria sentir?

— Não sei — falou Júlio.

— O local estava deserto. Júlio, será que você se acostumará aqui? Rafaela irá gostar?

— Não sei ainda se ficarei, já disse isso. Estou numa fase que não sei de nada. Não me desfiz do meu apartamento.

— Espero que não o tenha vendido — Michel estava preocupado com o irmão.

— Não vendi. Se resolver vender a propriedade aqui, vou fazer como você, irei comprar outro apartamento maior e me caso com Rafaela.

— E se isso não ocorrer?

— Amo Rafaela, quero ficar com ela com certeza, se ela quiser; casaremos, seja para ficar aqui ou lá.

— Espero que não faça mais nenhuma tolice — Michel se expressou em tom de súplica. — Vi você, meu irmão, no cartório, dar um envelope para o advogado e receber outro. De que se trata?

— Pedi para ele quitar as contas atrasadas de água e energia elétrica para que, ao chegar, pudesse usufruir dessas comodidades. Ele as quitou e tudo está funcionando. É o que espero! Dei a ele um envelope com dinheiro, pagando-o, e ele me deu um outro, com as chaves e alguns recados. Veja — abriu o envelope. — As chaves estão com etiquetas; esta é a do portão, a da porta principal, a da lateral, a dos fundos. Aqui está o endereço do casal que trabalhava para o tio Hermes.

— O que será que aconteceu com Izilda, a antiga empregada? Terá falecido? — perguntou Michel.

— Não sei, mas irei saber.

— Ficaré alojado na casa? Sairá do hotel? Ficaré sozinho? Telefone para mim, por favor, já que não tenho como ligar para você.

— Esta noite durmo ainda no hotel, a casa deve estar suja. Amanhã penso em ficar na casa. Telefone para você, no hotel tem telefone, e há os públicos. Vamos marcar, sábado, às vinte horas.

— Estarei esperando. Júlio, não aja mais imprudentemente. Ter saído do emprego foi, ao meu ver, uma atitude incerta. Prometa que não irá fazer mais nada sem pensar muito?

— Está bem, prometo.

— Júlio, ouvi do homem que limpou o túmulo que a Toca do Tatu, a casa que era do tio Hermes, é assombrada. Ontem,

quando passei por ela, fiquei uns cinco minutos parado em frente ao portão, não desci do carro, fiquei apenas observando-a. Por instantes, desviei meus olhos para ver se tinha levado uma garrafa d'água; quando voltei a olhá-la, vi um vulto na grade me observando, parecia um homem. Assustei-me e não o vi mais. Olhei bem e não vi mais nada. Pensei que, se alguém estava lá, como desaparecera tão rápido? Depois que o homem me falou das assombrações, fiquei pensando se não vi uma.

— Foi somente uma impressão. Uma sombra, talvez. Algo assim — disse Júlio.

— É melhor ficar atento. Será que herdou a casa com espíritos dentro, como Alice disse?

— Isso são somente falatórios de cidade pequena. Não deve ter nada de sobrenatural na casa.

— Vamos almoçar? — convidou Michel. — Quero ir embora.

Almoçaram num restaurante e, assim que terminaram, Michel se despediu. Ambos fizeram recomendações um ao outro. Júlio ficou olhando o irmão até que o carro virou para ir à rodovia.

Foi ao hotel, pegou seu carro e rumou para a casa em que seu tio morara e que agora era sua.

“Toca do Tatu! Embora tenha sido contado a mim o porquê desse nome, não entendi direito por que a casa se chama assim.”

Prestando atenção em tudo por onde passava, Júlio seguiu dirigindo a caminho da casa que, com certeza, seria, por uns tempos, seu lar.